

CONCEPÇÕES DE LICENCIANDOS DE PEDAGOGIA ACERCA DA EDUCAÇÃO PARA A MORTE NAS SÉRIES INICIAIS

Maria Glaucilene Sousa Vasconcelos (1); Maria Andreza Freitas Rodrigues (1); Jeferson Alves Moura (2); Mário César Amorim de Oliveira (3).

¹Graduanda do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, Faculdade de Educação de Itapipoca, Universidade Estadual do Ceará (FACEDI/UECE). E-mail: glaucilene.sousa@aluno.uece.br

¹Graduanda do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, Faculdade de Educação de Itapipoca, Universidade Estadual do Ceará (FACEDI/UECE). E-mail: andreza.rodrigues@aluno.uece.br

²Graduando do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, Faculdade de Educação de Itapipoca, Universidade Estadual do Ceará (FACEDI/UECE). E-mail: jeferson.moura@aluno.uece.br

³Doutorando em Ensino, Filosofia e História das Ciências (PPGEFHC-UFBA/UEFS). Professor da Universidade Estadual do Ceará (FACEDI/UECE – Itapipoca/Ceará/Brasil). E-mail: mario.amorim@uece.br.

Resumo do artigo: A morte é a última etapa que constitui o ciclo de vida de um ser vivo, é uma realidade concreta na existência humana e uma das poucas certezas que se tem na vida. Todavia, ao longo dos anos, a morte deixou de ser um fenômeno natural para se tornar um dos grandes tabus nos mais variados meios sociais, dentre eles, a escola, espaço em que os alunos deveriam receber formação para lidar também com temas controversos. Esta pesquisa objetivou investigar as concepções dos estudantes do curso de Pedagogia da FACEDI/UECE sobre a importância da discussão do tema Morte nas Séries Iniciais. A pesquisa é de cunho exploratório com abordagem qualitativa, foi realizada com estudantes do curso de pedagogia da Faculdade de Educação de Itapipoca (FACEDI-UECE) e teve como instrumento de coleta de dados o questionário, os dados obtidos foram analisados através da metodologia de Análise de Conteúdo. Os participantes da pesquisa responderam seis questões das quais emergiram categorias referentes às suas concepções acerca da abordagem da morte nas séries iniciais. Quanto à definição de morte, todas eram baseadas em fundamentos científicos, religiosos e psicológicos. Foi possível perceber que o aspecto interdito da morte está presente em suas concepções em relação à abordagem do tema durante a formação no meio acadêmico, apesar destes considerarem importante discutir acerca da morte com crianças das séries iniciais. Muitos deles também não se consideraram preparados para lidar com esse assunto no ambiente escolar, os que se mostraram confortáveis com essa discussão, se fundamenta na religião, experiências pessoais e na Ciência. Desse modo, a Pedagogia como ciência da educação e o pedagogo como primeiro profissional da educação com o qual a criança tem contato ao se iniciar no meio escolar devem contemplar a formação desses indivíduos para lidar com situações difíceis. A educação para a morte é necessária desde as séries iniciais, para isso, deve ocorrer também na formação dos profissionais que atuarão nessa fase escolar tão importante e assim, a morte e o morrer passem a ser tratados com naturalidade.

Palavras-chave: Educação para a morte, Formação de professores, Tema controverso.

INTRODUÇÃO

A morte é uma das etapas constituintes da vida e se faz presente nos mais variados meios e contextos sociais, todavia, historicamente foi instaurado um tabu em torno da morte e do morrer que os torna um processo interdito e ocultado, mesmo sendo inevitável e irreversível. Segundo Zorzo (2004), a morte na contemporaneidade é institucionalizada e medicalizada, sendo encontrado nos hospitais aparelhos de alta tecnologia, que são utilizados para manter o organismo do paciente funcionando.

Percebe-se que a morte deixou seu estado domado como descrito por Ariès em sua obra História da Morte no Ocidente, pois o morrer na segunda fase da Idade Média (séculos XI e XII) era considerado familiar e esperado, o homem lidava com a morte de forma natural de modo que no leito do moribundo estavam presentes tanto os adultos como também as crianças (ARIÈS, 2012).

Atualmente as crianças são afastadas da morte, bem como dos cemitérios e velórios, sendo privadas de viverem o luto. Se antes eram impedidas de se aproximar do tema sexo, hoje elas são distanciadas da temática morte (ZORZO, 2004). Privar as crianças de vivenciar o processo de morrer é visto como uma forma de proteção diante desse momento doloroso, uma vez que a mesma é considerada um ser frágil.

A negação e conspiração do silêncio em relação ao binômio criança-morte são atitudes que podem prejudicar o desenvolvimento cognitivo da criança (TORRES, 1979). Em contrapartida, é perceptível a clara banalização e exposição da morte, principalmente nas mídias; para Kovács (2008) este meio passa a ser influenciador na educação para a morte ainda na infância, quando trazem, por exemplo, cenas de violência repetidas à exaustão, causando dificuldade na compreensão da irreversibilidade da morte. Cenas recorrentes de violência em desenhos animados que podem levar a morte de personagens e em seguida a aparição dos mesmos vivos, remetendo a ideia de imortalidade e reversibilidade, dando as crianças uma visão equivocada dos processos de morte e morrer.

Torres (1979) em seus estudos sobre morte e a criança, definiu três níveis de desenvolvimento do conceito de morte segundo o processo cognitivo infantil, sendo estabelecido o nível pré-operacional, subperíodo das operações concretas e o nível das formações formais, em que no primeiro a criança não discerne o que são seres animados e inanimados, mas conhece os que morrem e os que não morrem, já no segundo elas distingue esses seres, não sendo capazes de dar explicações biologicamente essenciais, mas ele compreende a morte como condição permanente e no último período, as crianças são capazes de compreender e estabelecer ampla distinção dos seres animados e inanimados, dar explicações biológicas, e compreender a morte como processo natural da vida.

Diante do exposto, vê-se que o conceito de morte é estabelecido de acordo com o desenvolvimento cognitivo da criança, também dependendo do meio cultural em que ela está inserida. “À medida que a criança processa o seu desenvolvimento afetivo e emocional, porém, experiencia as mortes efetivas que a rodeiam, tentando compreender o que se passa” (KOVÁCS, 1992, p. 3).

Sabendo que a criança é apta a compreender acerca da morte e suas representações, é necessário que exista uma aproximação do tema na educação nas séries iniciais, para que as *crianças* possam compreender o processo da vida e respectivamente da morte também na escola. Para Doi (2017) existe uma educação voltada para o aprendizado da finitude própria e conseqüentemente da própria vida, designada como “pedagogia da morte”, que não é concebida devido ao tabu da morte.

Segundo Paiva (2011), se evita tratar do tema morte na escola, mesmo estando bastante presente no contexto escolar, como por exemplo, na mudança de série, de classe, de professores, de amigos, são as chamadas mortes simbólicas, estas representam perdas que podem causar sentimentos semelhantes ao ocasionado pela morte de um ente querido, morte concreta. Neste viés, é importante a existência de práticas pedagógicas para o tratamento da finitude da vida desde a infância, de modo que a criança compreenda a morte como algo inevitável e irreversível e a trate com naturalidade.

Sendo a pedagogia destacada como um campo de conhecimento sobre a problemática educativa na sua totalidade e historicidades (Libâneo, 2002), é conveniente que o curso dos profissionais pedagogos trate assuntos controversos para preparar os educadores para lidarem com diversas situações consideradas difícil no cotidiano escolar, como a morte. Pois os formados nessa área que trabalham com crianças desempenham o papel educacional de informação dando continuidade à relação estabelecida pelos pais, assim a escola se destaca como m espaço de formação cidadã de sujeitos críticos e preparados para vida (PAIVA, 2011).

Partido das premissas apresentadas tem-se como inquietação, “Quais as ideias dos estudantes de Pedagogia da Faculdade de Educação de Itapipoca-FACEDI/UECE sobre a importância de discussões dentro do Ensino Infantil acerca da morte?”. Assim, objetiva-se investigar as concepções dos estudantes do curso de Pedagogia da FACEDI/UECE sobre a importância da discussão do tema Morte nas Séries Iniciais.

METODOLOGIA

Essa pesquisa foi delineada em uma abordagem qualitativa, por esta fornecer subsídios analíticos mais detalhados acerca do fenômeno pesquisado (MARCONI; LAKATOS, 2011) e possui caráter exploratório, segundo Gil (2002) esse tipo de pesquisa proporcionar ao pesquisador familiaridade com o problema estudado, tornando-o mais claro.

Para a coleta de dados, optou-se pelo questionário, este é definido como “um

instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador” (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 201), o qual continha cinco perguntas abertas, a fim de propiciar ao participante uma maior reflexão sobre o que estava sendo indagado.

Para realizar o estudo analítico dos dados, foi utilizada a metodologia Análise de Conteúdo, de acordo com Bardin (1977) essa metodologia se configura como um conjunto de instrumentos de cunho metodológico em constante aperfeiçoamento, que podem ser aplicados em discursos (conteúdos e continentes) extremamente diversificados, esta busca descrever o conteúdo emitido no processo de comunicação, seja ele por meio de falas ou de textos. A análise se deu em três fases, a pré-análise, a exploração do material, em que foram definidas as categorias e o tratamento dos resultados, inferências e interpretação.

A pesquisa contou com a participação dos graduandos (as) do curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Educação de Itapipoca da Universidade Estadual do Ceará-FACEDI/UECE. Os questionários foram respondidos voluntariamente pelos alunos do primeiro ao nono semestre do curso, tendo uma amostra de 37 alunos (as) no período de novembro de 2016 a janeiro de 2017.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

As respostas obtidas por meio dos questionários passaram pelo estudo analítico por meio da Análise de Conteúdo e estão representadas em tabelas contendo as categorias e sua respectiva análise frequencial. A primeira pergunta buscou identificar a caracterização da morte segundo os alunos, e foram construídas seis categorias de acordo com as concepções sobre a finitude (primeira tabela).

A maioria das categorias criadas está de acordo com o perfil conceitual da morte citada por Nicolli e Mortimer (2012), visto que existe três, sendo eles o Naturalista, em que a morte tem sua perspectiva biológica, a vida finda quando os órgãos cessam, a Religiosa, que é representada uma passagem da vida terrena ao início da vida eterna e a Relacional que está diretamente apresentada juntamente com os aspectos da não aceitação, e o ocultamento da morte e este se conectam com os aspectos históricos e lembranças do ser.

Na tabela estão apresentadas categorias semelhantes aos perfis relacionados à morte: Naturalista, Religioso e Relacional, perceptível nas seguintes afirmações dos discentes: *“Passagem da vida terrena para a vida eterna” (Aluno do primeiro semestre); “Morte é uma passagem da vida, algo muito comum, mas nada acostumável, palavra assustadora na qual*

nós não nos acostumamos e que é muito presente em nossas vidas enquanto vivos.” (Aluno do primeiro semestre).

Tabela 1: Análise frequencial das categorias obtidas com a questão: “Para você, o que é a morte?”.

Categorias	Frequência
Sessar das atividades vitais	7
Passagem de uma etapa para a outra	13
Fim da vida	8
Algo natural	1
Etapa de um ciclo	5
Momento de tristeza e perda	1

Fonte: Autores

As ideias acerca da morte citadas pelos pedagogos em formação vão também ao encontro do significado da morte segundo Marinho (2011) visto que a morte se caracteriza como um processo natural e um fenômeno da vida, para naturalistas ela é a extinção das funções vitais e para os religiosos o fim da vida material para a vida espiritual. Ainda, Caputo (2008) trás em seus estudos que o fim da vida é definido como um mistério, em que existe a incerteza, corroborando no medo e o ocultamento da mesma.

Na segunda tabela estão explícitas as categorias obtidas a partir do questionamento, “Como você lida com o assunto Morte no seu dia a dia?”. O tema morte na sociedade contemporânea é visto como um tabu, pois mesmo que as pessoas tenham conhecimento da finitude da vida, elas procuram ocultar tal fato, embora este possa parecer natural em condição de seres mortais, além disso, hoje as pessoas são rodeadas de valores que os distanciam da consciência da morte, pois existe uma cobrança no sentido de romper os medos, as dificuldades do tempo e a vontade de se tornarem sujeitos bem sucedidos, mostrando dessa forma, força e virilidade. Falar do fim se torna angustiante e mórbido.

Tabela 2: Análise frequencial das categorias obtidas com a questão: Como você lida com o assunto Morte no seu dia a dia?

Categorias	Frequência
Algo difícil	9
Naturalmente	10
Medo da perda	5
Assunto interdito	11

Fonte: Autores

As categorias referentes à forma como os estudantes lidam com a morte, sendo a maioria das respostas referentes à ruptura e o medo, por ser um fato difícil, e que o enfrentamento de tal fato é ocorrido devido à religiosidade. Infere-se que essa interdição da morte é decorrente da insatisfação da dor da perda, por esse assunto ser raramente tratado no cotidiano. Como mostrado nas citações seguintes dos alunos do primeiro semestre: “*Pela fé,*

dá para aceitar, mas quando chega perto o pensamento, dá desespero, pela separação física.” (Aluno do primeiro semestre); “Evito falar ou ouvir assunto relacionado. (Aluno do primeiro semestre)””; “É um processo pelo qual todo ser vivo terá de passar, faz parte do ciclo de vida.” (Aluno do primeiro semestre).

Para Kovács (2010, p. 3), “existem várias possibilidades de ocultamente, tanto culturais como psicológicos. Entre estas ultimas podem ser destacados os mecanismos de defesa: negação, repressão, intelectualidade, deslocamento.”. Com isso, percebe-se que ao silenciar diante da morte são rompidos os grilhões de naturalidade em relação a tal fato, visto que a morte se tornou selvagem e incompreensível (ARIÉS, 2012).

Oliveira (1999) em seu discurso sobre a morte apresenta que esse tema não deve está ausente de uma formação integral do ser humano, já que a morte faz parte da vida e que não deve está ausente dos lugares educativos, tais como família e escola. Mas, devido à morte ser tabu contemporâneo há uma formação instaurada no silêncio, e isso é corroborada nos resultados da tabela três, quando perguntado acerca da discussão sobre o assunto morte no curso de pedagogia, a maioria das afirmações, com frequência de vinte e vezes, foram que nunca estudaram ou discutiram sobre ele.

Surgiu também uma inquietação acerca da abordagem e discussão do tema morte durante o curso de graduação, tanto em sala de aula quanto nos demais espaços na universidade (terceira tabela). Bastos (2009) salienta a existência da ignorância e restrição das questões que revolvem a compreensão da morte e da vida como parte de um complexo todo, o homem, no entanto, a educação é a abertura para a modificação dessa realidade. É importante destacar a seguinte afirmação de um aluno, “Normalmente não é um assunto trabalhado, creio que as pessoas ignoram a morte, agem como se essa parte da vida não fosse chegar. (sétimo semestre)”. Este estudante mostra claramente a existência da negligencia da morte no meio acadêmico, pois a discussão sobre esse tema foi abandonada pelas pessoas.

Tabela 3: Análise frequencial das categorias obtidas com a questão: O tema Morte já foi discutido durante sua graduação no curso de Pedagogia? Como?

Categorias	Frequência
Sim, quando falado de suicídio.	2
Sim, através de filmes	4
Sim, em debates sobre educação de jovens e adultos	1
Sim, em discussões acerca das dificuldades em lidar com a morte	1
Sim, em aulas de filosofia	2
Não foi abordado	25

Fonte: Autores

Preocupa-se assim, com a formação pessoal e profissional dos educadores das séries iniciais, pois existe a dificuldade, desinteresse e desconhecimento da morte como objeto de escolarização (BASTOS, 2009). Em vista disso, essa educação não deve estar distante da formação pedagógica, pois entender o complexo da morte poderá incentivar futuros professores de pedagogia a refletirem sobre a própria vida e conseqüentemente levar essa reflexão para as crianças em sala de aula.

Questionou-se acerca da importância da discussão do assunto morte na graduação atribuída pelos estudantes de pedagogia enquanto docentes em formação, considerando que irão se deparar com algumas realidades em sala de aula em que se fará necessário falar sobre morte (quarta tabela).

Tabela 4: Análise frequencial das categorias obtidas com a questão: “Você considera importante discutir o assunto Morte em sua formação para o ensino das séries iniciais?”.

Categorias	Frequência
Sim, pois a morte é um Processo intrínseco à vida e inevitável	5
Sim, sem justificativa	6
Sim, importante para a formação social e acadêmica	4
Deve ser debatido em todas áreas de ensino	3
Sim, do ponto de vista biológico e filosófico	2
Importante, mas deve ser abordado pela família	1
Sim, com cautela ao falar sobre o assunto	1
Não, por não ser um assunto aceitável	1
Não é importante	10
Resposta incoerente	3

Fonte: Autores

Nota-se que os padrões do comportamento diante da morte mudaram, e que são afastadas das crianças tudo que evocam a morte, usa-se eufemismo para dizer a elas quando alguém morre, quando falam que estes fizeram uma viagem, que está descansado em outro lugar, que saiu e vai demorar a voltar (RODRIGUES, 2006).

Vale ressaltar que mesmo a maioria dos estudantes pesquisados não compreender a importância do estudo acerca da finitude para a formação cognitiva inicial das crianças, houve resposta que defendiam a ideia, de modo que foi citada a importância da formação social e acadêmica deles enquanto futuros professores, mas que também, deve ser trabalhada no espaço familiar, como mostrados nas respostas que ilustram essas ideias: “*Sim, não só nas iniciais, mas em todas, é algo que todo ser vivo irá passar um dia.*” (aluno do primeiro semestre); “*O assunto é importante, mas deve ser abordado pela família com mais profundidade.*” (aluno do quinto semestre);

Evidencia-se a relevância do trabalho com a morte na educação escolar, porém a família deve caminhar junto com a escola para formar as crianças, e o professor é o agente intermediador do diálogo em relação à dificuldade de determinados assuntos que as crianças devem ter conhecimento, se tornando assim um educador e um formador (PAIVA, 2011).

A quinta indagação é relacionada à importância da abordagem do tema morte com as crianças na escola, em que se perscrutou conhecer a ótica dos futuros pedagogos quanto atribuída importância por eles à discussão do referido tema em sala de aula (quinta tabela).

Tabela 5: Análise frequencial das categorias obtidas com a questão: “Você considera importante a abordagem do tema morte com crianças na escola?”.

Categorias	Frequência
Sim, gerando discussões de forma lúdica	3
Sim, para prepara-los	5
Sim, quando algum ente do aluno morrer	4
Sim, para a compreensão do assunto	10
Sim, para que saiba a importância da vida	1
Sim, para que possa ser tratado de forma natural	2
Sim, mas com cautela	1
Não é importante	6
Não, por ser complexo	2
Não, pois é dever da família	1

Fonte: Autores

É pertinente que exista a ‘pedagogia da morte’ na formação de futuros pedagogos, pois estes poderão se deparar com situações que requeiram um olhar amplo acerca da morte. E a participação de situações que promovam o pensar e que envolvam o confronto/encontro de novas ideias mediadas por professores ou por colegas, acarretam amplitude de novas ideias (NICOLLI E MORTIMER, 2012). “Neste sentido, uma educação complexa tem como tarefa contribuir na autoformação da pessoa; ajudá-la a assumir a condição humana com seus desafios e compreende o modo como o indivíduo pode se tornar um cidadão.” (PETREGLIA; BASTOS, 2009).

Verifica-se um paradoxo nas categorias da quarta e da quinta tabela, em que a maioria dos licenciandos não consideram importante à formação acadêmica quanto à educação para a morte, no entanto, quando perguntado a respeito da abordagem do tema na escola nas séries iniciais, eles julgaram importante, mesmo que tenham ressaltado maneiras amenizadoras de como falar de morte para esses indivíduos. Isso é evidenciado na afirmação, “*Todo ser humano necessita estar preparado para a perda de alguém, porém com as crianças deve-se ter uma maneira especial para que elas entendam.*” (Aluno do primeiro semestre).

Desse modo, Kovács (2010) reflete sobre como é mostrada a morte para as crianças ao

comentar sobre o pensamento místico que é projetado para as mesmas, visto que a criança se representa como o herói que durante o dia vence a sua fragilidade e a noite passa a ter seus pesadelos com monstros e os fantasmas que a ameaçam, sendo a morte o desconhecido e o mal. Assim, instigar as crianças a quererem respostas sobre a morte, e falar com elas sobre essa realidade de forma que elas compreendam torna-se crucial para torna mais fácil a aceitação, antes que as mesmas vivenciem a morte.

O último questionamento é referente à preparação dos pedagogos em formação para abordar o tema morte com crianças, um dos maiores tabus da atualidade e assim, conhecer em que eles se apoiariam para fazer essa discussão. Quando perguntado se os estudantes de pedagogia se percebem preparados para falar de morte para as crianças (sexta tabela), a maioria afirmou a falta de preparação, e isso é sustentado na terceira tabela, visto que foi declarado pela maioria dos discentes que o assunto morte não é trabalhado na formação acadêmica. Como tratado no seguinte discurso: *“Ainda não, preciso de uma formação que me dê subsídios para que saiba falar desse assunto de uma forma lúdica e com uma linguagem acessível.”* (Aluno do quarto semestre).

Foi expresso também o afastamento e aceitação da temática em sala de aula, quando mencionadas as respostas: *“Não, pois é algo que em mim causa desconforto, logo passaria isso para as crianças.”* (Aluno do primeiro semestre); *“Sim, por ser algo natural, mesmo assunto doloroso.”* (Aluno do sexto semestre).

Tabela 6: Análise frequencial das categorias obtidas com a questão: “Você se considera preparado para falar sobre Morte para crianças? Por quê?”.

Categorias	Frequência
Sim	3
Sim, mas romantizaria a morte	2
Sim, quando necessitar	1
Sim, devido aos preceitos espirituais	1
Sim, pois é algo natural	1
Sim, por conta das experiências de pessoais	1
Não é apropriado	3
Não, por ser um assunto difícil	5
Ausência de preparo	18

Fonte: Autores

É notório com alguns discursos obtidos que falar sobre morte para crianças torna-se difícil tanto por fatores pessoais quanto formativos, uma vez que a maneira de discorrer sobre o fim da vida é um reflexo da forma como as pessoas adultas lidam com a morte, pois cada uma reage conforme suas crenças e sentimentos (SANTOS 2013). Assim, para que o diálogo e a reflexão sobre a morte ocorra no espaço escolar é necessário que os educadores estejam

preparados, o que significa lidar com as inseguranças e medos pessoais, para que abordagem ocorra de forma natural e mais segura, acolhendo as necessidades de cada aluno (PAIVA, 2011).

Portanto, antes de qualquer tabu ou assunto controverso ser abordado dentro do ambiente escolar, como a morte, os profissionais da educação devem ter embasamentos teóricos e reflexivos, em que envolvam aspectos cognitivos e afetivos, estimulando questionamentos e discussões acerca de experiências vividas, práticas profissionais e abordagens teóricas sobre o tema (MELLO; BAGEGGIO, 2013). Com isso, havendo todos esses preceitos nos ambientes de formação eles se tornarão devidamente apropriados para a discussão da morte desde a educação infantil até a formação profissional.

CONCLUSÕES

Verificou-se em nossa investigação, que grande parte dos alunos de pedagogia da FACEDI-UECE sustenta o tabu da morte, preferindo não falar sobre ela no espaço escolar para as crianças, tornando esse assunto ignorado e esquecido, mas consta-se também que essa ideia é referente ao processo de aprendizagem e conhecimento do tema morte desde a infância deles mesmos, pois é considerável que para haver uma aceitação e aproximação deste assunto, os indivíduos devem ter uma formação humana ampla que não se limite a um único momento da vida e sim no processo como um todo.

Desmistificar e falar abertamente da morte são de fundamental importância na formação docente dos pedagogos, para que como futuros professores estes sejam transformadores do ensino e construam uma pedagogia da morte pautada na reflexão acerca da finitude e da própria vida, tornando assim as crianças quando adultas capazes de confrontar o medo da morte, minimizando o tabu que paira sobre ela, corroborando a uma visão crítica a respeito da naturalidade desse processo biológico e inevitável que é o fim da vida. Com isso, sugere-se que a morte seja mais pesquisada e mais trabalhada tanto pelos profissionais da educação superior como os da educação básica, para que o fim da vida não seja banalizado e tenha uma característica próxima à morte domada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÈS, P. **História da morte no ocidente: da idade média aos nossos dias atuais**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edição 70, 2006.

BASTOS, C. R. F. “Viver de morte, Morrer de vida” **O paradoxo vida-morte na perspectiva da complexidade e suas implicações na educação.** 2009. 121f. Dissertação (Mestre em Educação)- Programa de pós graduação em Educação da Universidade Nove de julho- UNINOVE, São Paulo, 2009.

CAPUTO, R.F. O homem e suas representações sobre a morte e o morrer: um percurso histórico. **Revista Multidisciplinar da UNIESP.** São Paulo, n. 6. p. 73-80, dez. de 2008.

DOI, P.M.C. Pedagogia da morte. **Revista Filosofia, Ciência e Vida**, 120. Ed. 15 – 23 p. Março de 2017. Disponível em: < <http://filosofia.uol.com.br/a-morte-nos-ensina-a-viver/>>. Acesso em: maio de 2017.

FRANCO, M. L. P. B. **Análise de Conteúdo.** 3ª ed. Brasília: Liber livro editora, 2008.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.

KOVÁCS, M. J. **Morte e desenvolvimento Humano.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

KOVÁCS, M. J. **Morte e desenvolvimento Humano.** 1ª reimpr. da 5ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.

KOVÁCS, M.J. **Morte e desenvolvimento humano.** 5ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

KÜBLER-ROSS, E.; KASSLER, D. **Os segredos da vida.** 4º ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

LIBANEO, J. C. **Pedagogia e pedagogo.** 6 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

MARCONI, M. A; LAKATOS, E.M. **Fundamentos da Metodologia Científica.** 5. Ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia Científica.** 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2011.

MARINHO, L. C. **Morte e Espiritualidade:** Análise de concepções de licenciandos e licenciados em Ciências Biológicas. 2011, 51f. Monografia (Graduação em Ciências Biológica)- Curso de Graduação em Ciências Biológicas da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2011.

MELLO, A. R.; BAGEGGIO, D.B. Infância e Morte: um Estudo Acerca da Percepção das Crianças sobre o Fim da Vida. **Revista de Psicologia da IMED**, Rio Grande do Sul, 2013, v. 5, n. 1, p. 23-31. Disponível em: <<http://www.bibliotekevirtual.org/revistas/IMED/PSICO-IMED/v05n01/v05n01a04.pdf>>. Acesso em: 4 de maio de 2017.

MUNIZ, P.H. O estudo da morte e suas representações socioculturais, simbólicas e espaciais. **Revista Varia Scientiae**, Cascavel, v. 06, n. 12, p. 159-169, dez. de 2006.

NICOLLI, A. A; MORTIMER, E. F. Perfil conceitual e a escolarização do conceito de morte no ensino de Ciências. **Educar em Revista.** Curitiba, 2012, n 44, p.

19-35. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/n44/n44a03.pdf>>. Acesso em: 4 de maio de 2017.

OLIVEIRA, J. H. B. Filosofia da educação e pedagogia da morte. **Revista Portuguesa de Pedagogia**. Coimbra. 1999, v. 33, n.3, p. 155-164. Disponível em <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/6233.pdf>>. Acesso em: 4 de maio de 2017.

PAIVA, L. E. **A arte de falar de morte para crianças**. São Paulo: Ideias & Letras, 2011.

PETREGLIA, E.; BASTOS, C.R.F. Morte, Complexidade e Educação. **Revista Notandum Libro**, São Paulo 2009, n. 13, p. 21-28. Disponível em: <http://www.hottopos.com/notand_lib_13/izabel.pdf>. Acesso em: 4 de maio de 2017.

RODRIGUES, J.C. **Tabu da Morte**. 2º ed. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2006.

SANTOS, A. C. **O luto no ambiente escolar da Educação infantil**. 2013, 18 f. Artigo Científico. (Graduação em Licenciatura Plena de Pedagogia Series Iniciais e Gestão Escolar)- Faculdade de Educação de Porto Velho – UNIRON, Porto velho, 2013. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/12003573-O-luto-no-ambiente-escolar-da-educacao-infantil.html>>. Acesso em: 4 de maio de 2017.

TORRES, W.C. o conceito de morte na criança. **Revistas Arquivos Brasileiros Psicologia**., Rio de Janeiro, 1979, v. 31, n. 4, p. 9-34. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/abp/article/view/18239/16986>>. Acesso em: 4 de maio de 2017.

ZORZO, J. C.C. **O processo de morte o morrer da criança e do adolescente: vivências dos profissionais de enfermagem**. 2004. 126 f. Dissertação (Mestre em Assistência a criança e o adolescente) - Escola de enfermagem de Ribeirão preto da universidade de são Paulo. Ribeirão preto, 2004.